

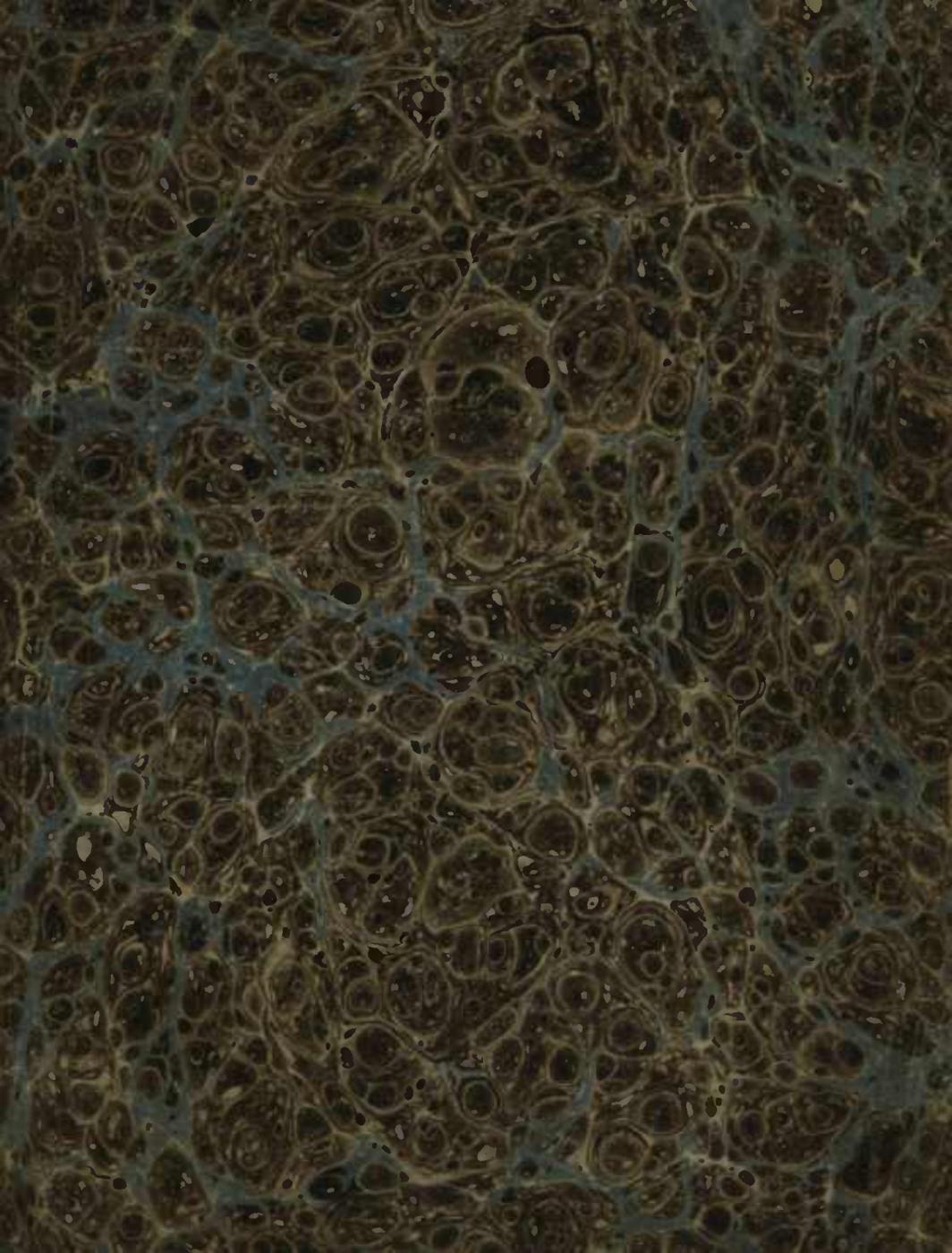




le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin



ERNESTO E CLARA,

OU

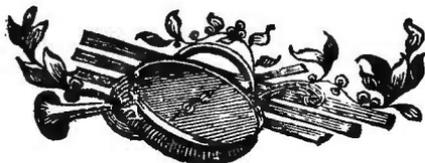
A HEROÍNA LUSITANA;

DRAMA

EM TRES ACTOS

POR

JOSÉ MARIA FREDERICO DE SOUSA PINTO.



RIO DE JANEIRO.

NA TYPOGRAPHIA DO DIARIO.

1828.

Tu quid ego et populus mecum desideret , audi.

Hor. Ars. Poet.

— Irrupta tenet copula. —

Hor. I. Od. XIII.

A'

SOCIEDADE DE CURIOSOS

DO

THEATRINHO DE S. JOÃO ,

O. D. C.

SEU SUBMISSO E REVERENTE SOCIO

JOSE MARIA FREDERICO DE SOUSA PINTO.

PREFACIO.



Pertencendo a uma Sociedade, pelos louvaveis principios da sua instituição, digna e credora do esmero, e dos esforços de cada um dos seus membros, no augmento do seu brillantismo, e renome; intentei a composição de um Drama. Fui buscar o meu assumpto á sanguinosa, injusta, e antipolitica invazão de Portugal por Buonaparte. Eu poderia escolher um heróe, coroado dos louros de Amaranthe, Coimbra Bussaco, ou Badajoz; poderia lançar mão de qualquer dos exemplos de bravura, então praticados, que dêssem mais uma prova do bem conhecido, e constante patriotismo dos filhos dos Albuquerque, Castros, Alvares Pereiras, e Pachecos: porém, o valor Lusitano, raro e heroico, é por isso nobre e modesto. Recorri, pois, á prazenteira imagem de um amor sincero e decidido, da generosidade, do valor, e do patriotismo: n'uma palavra, possui-me do verdadeiro character Portuguez; e quiz realçal-lo ainda mais, indo buscar estas virtudes a uma pobre Aldeia, e com ellas decorando a nativa formosura de uma camponeza da fertil Provincia do Minho.

Unido d'esta idéa, tratei do seu desenvolvimento; escrevi o Drama, *Ernesto e Clara*, ou *A Heroína Lusitana*. A simples leitura d'esta Peça, segundo me parece, mostrará com clareza bastante o seu enrêdo, sem que seja necessario ajuntar-lhe explicação alguma. Direi, tão sómente, que procurei fazer um contraste entre a bem entendida honra, e essa outra honra mundana; entre os deveres do ómhem livre, e bem nascido, e as obrigações do ómhem abjecto, e escravo: trabalhei por apresentar a virtude triumphando dos prejuizos do mundo. Se não consegui dar a este quadro todos os tóques delicados, de que precisa; desculpando-se-me a falta de engenho, devem ser tidos em alguma monta os meus esforços, e a minha boa vontade. Sem tirar o tempo a meus leitores com as costumadas apologias de um prefacio, passo a defender, succintamente, algumas partes d'este Drama, que tem soffrido censura.

Os tres defeitos que, me consta, se tenham de boa fé posto á minha obra, referem-se áquella passagem do 2.º Acto, em que a Scena fica deserta; á deserção de Ernes-

to, e ás expressões injuriosas, que elle dirige a Buonaparte; e ultimamente á falta de resolução de Bonneval, no fim da Peça.

Ao primeiro defeito respondo eu, n'uma nota, em lugar competente. Quanto á deserção de Ernesto, tenho a dizer o seguinte. Já declarei mais acima, que sendo todo o meu fim apresentar a honra, tal qual ella deve ser, conforme ao coração do ómem, e não despotica e destruidora dos mais sagrados vinculos da natureza; para marchar coherente com os meus principios, colloquei Ernesto na posição propria, para elle exercer esta virtude, em toda a sua perfeição. Muito tempo lutou elle entre os prejuizos do mundo, e os impulsos de seu coração. Vendo-se, por fim, victima de uma honra mal entendida, perdido no conceito dos entes, que mais prezados lhe erão, cahio em si: e chegando a persuadir-se que os titulos, e as preeminências recebem todo o seu apreço da classe interessada em sustentallos; que fóra disso, um titulo nada significa, não é mais do que uma palavra, que a condescendencia arranca á civilidade de um ómem livre, mas que elle não reputa concessão de um direito; bem longe de lhe ser custoso, deesse por muito feliz em poder ainda obter a posse da sua esposa, e tranquilisar a sua consciencia, com o sacrificio de todos os seus titulos. Logo, a deserção de Ernesto não procedeo de cobardia, nem do espirito de partido; unco's casos, em que ella se tornaria offensiva á honra militar, e indecorosa n'um official da sua graduacão: foi, sim, motivada pela intima convicção de que a gratidão, e os deveres sociaes, exigião d'elle aquelle sacrificio. Considerando, agora, Ernesto n'este ponto de vista, não devem causar o menor espanto as suàs invectivas a Buonaparte. Para o admirador dos genios transcendentés, dos conquistadores, e dos grandes feitos de armas, os Cezares, os Alexandres, e os Scipiões nada são a par do imperador dos Francezes. Mas aos olhos do philantropo, do ómem independente, e do cidadão pacifico, o que é Napoleão? Um monstro, sedento de sangne, postergando o direito das gentes; um perturbador da paz das Nações Europeas, quebrantando a fé dos Tratados; n'uma palavra, um despota abominavel, que professando o maior desprezo ao genero humano, reputava seus subditos vís instrumentos do seu capricho, e a cada passo os offerecia em holocausto ao seu idolo favorito; — a ambição.

Bonneval estranha a repentina mudança de Ernesto ; não podendo , porém , condemnalla , nem approvalla , á vista da simples explicação do seu amigo , fica irresoluto : e como , n'este momento , tem chegado a acção principal ao seu final desenvolvimento , tornar-se-hia parcial qualquer discussão , entre elles , á cerca de seus mutuos deveres ; além de ser , talvez , fastidiosa aos espectadores. Eis o motivo do estado de perplexidade , em que eu julgo ter com razão collocado Bonneval.

Devo aqui declarar que a narração , que faz Custodio dos seus primeiros annos , no 3.º Acto , Scena 8.a , é devida ao Snr. Victor Profirio de Borja ; o qual , para que não parecesse impropria de um camponez a erudição , que mostra ter aquelle ancião , me fez o obzequio de me suscitar esta lembrança. Esta declaração prova o respeito que me merece este Snr. , a quem , como membro da Sociedade , a que tenho a honra de pertencer , sou devedor de muitos favores.

Resta-me , agora , agradecer , de um modo solemne , aos meus Consocios , que tivrão o trabalho de representar n'este Drama , e a cada um d'elles , em particular , o zelo , que mostrarão , e os esforços , que fizêrão , para bem desempenhar os seus respectivos papeis.



PESSOAS DO DRAMA.



ERNESTO, <i>Coronel Fran- cez, amante de Clara....</i>	} José Maria Frederico de Sou- sa Pinto.
CLARA, <i>Filha de Custodio</i>	} O Ill.mo Commendador Ale- xandre Alves Gomes Bar- rozo.
CUSTODIO, <i>Juiz do Lu- gar.....</i>	} O Sr. Antonio Simões Bar- rozo.
BONNEVAL, <i>Major Fran- cez, Amigo de Ernesto....</i>	} O Sr. Joaquim José Marques Madureira.
HENRIQUE, <i>Irmão de Cla- ra.....</i>	} O Sr. João Luiz da Silva Castro.
GUILHERME, <i>Campones, Pertendente de Clara....</i>	} O Sr. Antonio José Gomes Barboza Braga.
LARCY, <i>Ajudante do Re- gimento.....</i>	} O Sr. Lauriano da Silva Telles.
FRANCISCO, <i>Campones, criado de Custodio.....</i>	} O Sr. José Narcizo de Oliveira.

CAMPONEZES.

SOLDADOS FRANCEZES.



VALBOM É O LUGAR DA SCENA.

ERNESTO E CLARA,

O U

A HEROÍNA LUSITANA.



ACTO PRIMEIRO.

V *Ista de Bosque , com uma Tenda de campanha a um lado , e no fundo da Scena. Duas sentinellas passeando.*



SCENA I.

ERNESTO , *com um papel na mão , sepultado na mais profunda tristeza , passêa de um para outro lado ; pára , examina a Scena com interesse , e exclama :*

Eu vos saúdo , bosques encantadores ! Salve rissonhos e queridos sitios , que deixei com tanta tristeza , e que por toda a parte me apresentais monumentos da minha ternura ! Depois que te abandonei , amêna morada , achei outras fontes , outras flores : mas , suas bellezas não encantavão meus olhos. Sombrias , apraziveis florestas , torno a vêr-vos . . . mas de que modo ! . . . cruel e perjuro . . . Deshumana sorte ! Tu , que até hoje tanto me tens sido propicia , não queres mais conceder-me os teus favores ? Escolhes-me para victima do teu furor , pertendes reduzir-me á desesperação ? Clara ! . . . Amada Clara ! Não basta abandonar-te , e ser perjuro ao sagrado juramen-

to, que alegre prestei de ser para sempre teu? Irei, agora, calcando aos pés as santas leis da hospitalidade, destruir os teus lares, dar a morte a teu venerando pai, cravar-te o punhal no peito?... n'esse peito, que tanto me adora!... sim, que me adora; porque é virtuoso, e não suspeita a enormidade do meu crime. Tivêrão os perjuizos do mundo força bastante, para me privar da gloria de viver a teu lado? Terá, acaso, a obediencia militar mais poder sobre mim, do que os deveres de amante, de esposo que sou teu? Não deveria considerar meu o sólo, onde passei os dias mais bellos da minha vida, onde me esperava o mais risonho futuro? Mas, ah! quanto são tardias estas reflexões! Eu fugi de teus braços... cegou-me um barbaro dever... bandeiei-me com os inimigos do teu formoso paiz... vou levar a desolação, e a morte, aos sitios, que fôrão já testemunhas da minha felicidade!... O decreto fatal... eillo aqui! (*Apontando para o papel.*) Estremece, horroriza-te, ó Natureza!



SCENA II.

ERNESTO E BONNEVAL.



BONNEVAL.

Meu bom Coronel: fiz cumprir fielmente as tuas ordens. As vedetas informão-me que, na povoação, nada se suspeita da nossa chegada: o que estimo, porque, conhecendo quanto és humano, muita satisfação sentirás em nos apoderarmos d'este ponto, sem effusão de sangue. O Regimento está em descanço;

e antes que a noute engrosse seus véos, desejára saber o que mais pertendes ordenar.

ERNESTO.

Ceos!..

BONNEVAL.

Que tens, meu Ernesto? Durante toda a marcha, vieste distrahido, e melancolico: eu julguei dever ser, por então, discreto. Mas, agora, que estamos sós, o amigo da tua infancia, o teu camarada inteiramente te desconhece, e mal ousa ainda informar-se da causa de tão estranha mudança.

ERNESTO.

Ah! Deixa-me, Bonneval.

BONNEVAL.

Que! Não sou já o amigo do teu peito? Deixei de ser o fiel depositario de teus segredos? Basta: meu Coronel, que ordens tendes a dar-me?

ERNESTO.

Barbaro amigo! Tambem tu te conspiras contra mim!.. Lê, lê... conhece os tormentos, que dilacerão o coração do teu Ernesto.

BONNEVAL.

(Lendo.) “ O Regimento 43 atacará de noute a Aldêa de Valbom; e a todo o custo, conservará aquelle ponto, até á chegada da 1.^a e 3.^a Divisão.

“ E’ confiada esta empreza ao Coronel Ernesto , por
 “ estar exactamente ao facto d’aquella posição , e pa-
 “ ra este Official ter uma occasião opportuna de as-
 “ signalar o seu zelo e valor. ” Explica-te , Ernes-
 to : não sei como este officio , aliás tão honroso , pos-
 sa ser a causa da grande afflicção , que te opprime.

ERNESTO.

Ouve, Bonneval : e longe de criminar o teu ami-
 go, ide julgar diminuida a amizade, que tão sincera
 te dedica, lamenta, e chora o seu destino. Na reti-
 rada da nossa primeira invasão, quando na maior
 desordem procuravamos subtrahir-nos ao furor dos in-
 dignados Lusitanos, e de seus Alliados, nossos in-
 veterados inimigos, fui alcançado por uma balla, que
 ferindo-me gravemente, me privou do uso dos senti-
 dos. Voltando a mim, achei-me n’um bom quarto,
 cercado por uma familia bemfazeja, que deo mil
 signaes de contentamento, logo que me vio abrir os
 olhos. Um venerando velho me examinava o pulso;
 um gentil mancebo affagava entre as suas minhas frias
 mãos; em quanto uma donzella, formosa como a ra-
 diante mãe dos Amores, sustentando minha debil ca-
 beça no seio virginal, me ministrava o licôr, que me
 restituiu á vida. Bonneval! Que sentimentos de gra-
 tidão não se apoderarião de mim ao encontrar tanto
 carinho, tanta humanidade, em inimigos, que tantos
 motivos tinham para vêr derramada a ultima gota de
 meu sangue! Clara! Clara... (é este o nome da lin-
 da Camponeza...) não me deixava um só instante;
 de sua mão eu recebia os remedios; assistia sempre
 á cura da minha ferida; e durante a convalescença,
 guiava, sustentava meus passos, ainda tremulos e in-
 certos. Tão rara belleza, cuidados tão assíduos, suas
 encantadoras e inapreciaveis qualidades, gravárão em
 meu coração o amor mais vivo, e mais sincero. Cla-

ra ouviu a declaração da minha paixão com a modestia propria da sua candura e innocência; e retribuiu-me as expressões do meu affecto com aquella sinceridade, que tanto caracteriza as meigas filhas d'este bello paiz. A sua ternura não pôde, por muito tempo, resistir á violencia de meus transportes. Prostrado a seus pés, consagrei-lhe o eterno culto de um amor ardente; jurei ser seu esposo, e em seus braços ratifiquei meus, por então, sinceros juramentos. Desde aquelle momento afortunado, amado de Clara mais que de mim mesmo, considerado como filho pelo bom Custodio... pareceo-me ter mudado de essencia: e em quanto meus parentes choravão talvez a minha morte, eu era o mais feliz dos mortaes; meus desejos, meus pensamentos achavão-se de todo circumscritos no formoso recinto da minha amante.

B O N N E V A L.

E podeste esquecer-te. . .

E R N E S T O.

Sim, de tudo me esqueci. A França, a patria riscou-se da minha lembrança: fiz consistir toda a minha gloria, toda a minha ambição, em agradar a Clara, e viver em seus braços. Se uma terna saudade vinha, ás vezes, interromper a minha ventura, e me transportava ao seio da minha familia, ás congratulações de meus companheiros de armas; uma só caricia de Clara desvanecia uma tristeza tão passageira, restituia-me toda a minha serenidade.

B O N N E V A L.

E o velho Custodio não concebeo suspeitas da

verdadeira causa de semelhante demora, do total esquecimento de teus deveres ?

ERNESTO.

Ignoras, por ventura, quanto amor é fértil em fabricar desculpas? A privação de notícias da minha família, o receio de atravessar dous paizes inimigos, e mais que tudo, a incerteza da minha futura sorte, fôrão as razões que, alternadamente, convencêrão o bom velho da necessidade, em que eu estava de não abandonar o hospitaleiro asylo de Valbom. Mas, logo que fui por elle informado que ia dar Clara a Guilherme, abastado Camponez, que pertendia a sua mão, descobri-lhe o meu peito; e suppliquei-lhe que premiassé o meu amor com a posse de sua filha. Não pôde Custodio resistir aos meus rogos, nem á ternura de Clara; e consentio em coroar a minha felicidade. Cuidava-se já nos aprestes do nosso hymenêo... eis que ruge o bronze da morte... o exercito Francez piza este territorio infeliz! Hasde-crêllo, amigo? Acorda a honra militar, havia muito adormecida n'este peito, onde só devêra reinar amor; despedação-me os mal entendidos remorsos de ter abjurado o sólo, que me víra nascer; arranco-me a mim mesmo... fujo d'entre os braços da minha amante, da minha esposa... apresento-me ao General, que aceita os motivos, que lhe dou, da minha dilatada demora n'esta terra; torno a abraçar meus camaradas, e amigos; e quando, em fim, começava a excogitar nos meios de cumprir dignamente com a promessa, que fizêra a Clara, sou nomeado, com particular, mas funesta distincção, para ir levar o horror, e a morte, aos lares de meus bemfeitores... ao seio da metade da minha alma!... e quando, oh dor!..

B O N N E V A L.

Sim, meu Ernesto. Agora conheço a causa, e a extensão da profunda mágoa, que te devora. Porém, não desanimes: ainda acharemos algum meio...

E R N E S T O.

Não, não prosigas. Sabe mui bem o teu amigo o que lhe cumpre fazer. E' cega a obediencia militar... está marcado o meu dever. Sim; o plano do ataque já está feito... Bonneval! Vem comigo à minha Tenda: quero ouvir o teu parecer.

Entra para a Tenda de campanha.

S C E N A III.

B O N N E V A L só.

Amizade! Delicia dos corações ternos! Tu, que és o porto tranquillo, que nos abriga durante a tempestade, onde nos felicitamos depois do perigo; bem-feitora dos mortaes! Inspira-me n'este critico momento: falla a meu coração. Ah! Dize-me o que devo fazer, para subtrahir Ernesto á cruel sorte, que o persegue! Como combinarei a honra, a gratidão, e o dever, no generoso peito do meu melhor amigo? Tu, que estás sempre attenta a aliviar, com teus beneficios, os males da natureza, não me desampares... soccorre-me, ó Amizade!

Entra para a Tenda de campanha.

SCENA .IV



Vista do interior de uma Choupana.



CUSTODIO E GUILHERME.



CUSTODIO.

Heide estar todos os dias a repetir-te a mesma cousa? E's bastante importuno , Guilherme.

GUILHERME.

O meu amor... a vossa promessa...

CUSTODIO.

Quando te prometti a mão de minha filha , julgava que ainda estaria livre o seu coração ; bem certo da sua prompta obediencia aos meus preceitos paternaes. Tu não andaste a tempo , e eu fallei muito tarde. O seu amor já estava dado : era Ernesto o objecto de seus desvelos. Em vez de oppôr-me aos desejos de minha filha , de constranger-lhe a vontade , cumpri com o dever de bom pai , concorrendo para a sua felicidade : dei-lhe o esposo da sua escolha.

GUILHERME.

Mas esse maldito Francez...

CUSTODIO.

Basta : calla-te. Aprende , Guilherme , a respei-

tar , como deves , o amigo de teu defunto pai. Nunca ultrages a Ernesto na minha presença.

GUILHERME.

Perdoai á minha raiva... ao meu ciume. Mas , bom Cu-todio , vós já estaez desligado da vossa promessa. O Coronel deixou vos , abandonou vossa filha. Desde esse momento ficou ella livre ; podeis dispôr da sua mão : e estou certo que se vos interessasseis por mim , ella não se opporia á vossa vontade.

CUSTODIO.

E' certo. Nas vespuras do seu hymenêo , proximo ao dia , que parecia anhelar com tanto ardor , furtivamente nos deixou Ernesto. Sem acertar com a causa de semelhante procedimento , merece-me elle demasiado bom conceito , confio muito na sua honra , para deixar de me persuadir que só um motivo muito poderoso o obrigaria o dar um passo , que á primeira vista tanto depõe em seu desabono. Não , eu não me enganei : Ernesto não é ingrato... algum acontecimento imprevisito... Mas , para atalharmos razões ; desde a partida do seu amante , tens visto Clara entregue á mais obstinada melancolia. Uma vez só , tentei fallar-lhe a teu favor : não quiz ouvir-me. Dizes que não me inspiras o mais leve interesse ; pois bem , vae , recebe tu mesmo a sua decisão : mas , se ella não ceder aos teus rogos , desde já te previno que é esta a ultima vez , que te permitto tocar-me em semelhante assumpto.

GUILHERME.

Transportado de gratidão , e de alegria , eu vos obedeço. *A' parte.* Amor ! Poupa-me aos horrores , de que esta alma é capaz... Sê antes propicio a meus votos ! *Vae-se.*

SCENA V.

CUSTODIO só

Triste filha! Mil vezes mais desgraçado pai! Quanto somos ambos dignos de commiseração! O' meu Deos! Não restituirás a paz ao resto de meus annos? Clara, a minha virtuosa filha, gloria de suas amigas, idolo de todos, será arrastada á sepultura pela maldade de um perverso? E nutri eu o vil em meu seio, para por fim envenenar a minha velhice!... Ernesto! Cruel Ernesto! Deverias pagar tanto amor com tamanha ingratidão!.. Quizeste ser meu filho, chamaste-me pai, só para tornar ainda mais execrando o teu crime, para intentares o parricidio!... Eu, e minha filha, esquecêmo-nos que eras nosso inimigo, conservámos-te a vida, considerámos-te o nosso melhor amigo, e tu, barbaro, em premio, dás-nos a morte!.... Verdugos da humanidade! Vís instrumentos da ambição! Ainda nos chamareis malfazejos, crueis, a nós, que tanto vos podemos lançar em rosto a vossa impiedade, e fereza! ah! Infames!..

SCENA VI.

CUSTODIO, E FRANCISCO.



FRANCISCO.

E' preciso, Senhor, correr apressado ao lado de vossa filha: é grande a dôr, que a opprime, e na sua afflicção parece invocar o vosso socorro.

CUSTODIO.

Pobre Clara! Como poderei eu arrancar-te do peito uma paixão tão desgraçada! Aonde está ella! Francisco?

FRANCISCO.

Está no campo, Senhor, assentada n'uma pedra, chorando amargamente; e em todas as suas exclamações, interrompidas por profundos suspiros, apenas se pôde distinguir o vosso nome.

CUSTODIO.

Ah! sim, querida filha! Eu corro a enxugar tuas lagrimas: é esta a unica consolação que posso dar-te. Vamos, Francisco. *Vão-se.*

SCENA VII.



VISTA DE CAMPO.

CLARA, assentada n'uma pedra, recostada a cabeça sobre a mão, com o rosto inundado de pranto; ergue, por vezes, os olhos ao ceo, e exclama:

Ernesto! Meu Ernesto!.. Ainda não vens? Não ouves a tua esposa, meu muito amado, chamar-te a seus braços? Tardarás muito, meu querido?.. *Levanta-se.* Mas onde estou eu?.. Tu deliras, desgraçada... Esperas que o perfido attenda a teus clamores, a tuas queixas? Não sabes que o vil nunca conheceo amor? Que se ainda de ti se lembra, é só para mofar da tua credulidade, para exultar no seu crime? Ceos! onde está a vingança, onde os raios?.. “ Clara! minha vida! Eu reconhecido por teu esposo... que felicidade não é a minha! Com que prazer passarei meus dias na tua patria, que já, é minha também, em teus braços, cara parte de mim mesmo!” Proferio o infame tão doces palavras; e

pôde , no silencio da noute , arrancar-se do meu lado , fugir aos seus juramentos , abandonar á vergonha a amante , e o innocente fruto da sua pestifera seducção ! Em que estado me apresentarei , em breve , aos olhos de minhas amigas . . . como fazer a meu terno pai a confissão do meu crime ? Estarei condemnada a cobrir de opprobrio sua encanecida fronte ? Encurtarei os poucos dias , que ainda lhe restão de vida ? . . Socorre-me , ó meu Deos ! Anima este coração despedaçado . . . para não envenenar seus ultimos momentos ; ah ! não me deixes succumbir á desesperação ! Muito antes que o sól alumie nossas montanhas , já eu faço retinir os écos , canço os bosques , e os prados , com a triste narração da minha desgraça : mas os écos , os prados , e os bosques não podem mitigar , não suavisão meus males ! Só vós , ó Todo Poderoso , podeis ouvir-me ! Mas , não . . . ó tu , cuja perfidia me roubou o socego ; tu , que desprezaste teus juramentos , queres tambem privar-me da vida ? Ella te pertence assim como meu coração . . . pois bem , eu obedecerei , cruel , a este terrivel decreto . Sim , se a minha morte te merecer um só suspiro , ser-me-há mais doce que a vida . ah ! Meu pai ! . . Meu pai ! . . . *Encosta-se a um lado.*

S C E N A VIII.

CLARA, E GUILHERME.



GUILHERME.

A' parte. Em que estado a encontro ! Submergida n'uma profunda tristeza . . . E é agora . quando está talvez toda entregue á lembrança do meu odioso rival , que venho fallar-lhe de amor ? Sim , tentemos mais

esta vez , já que estou disposto a tudo. *Para Clara.*
Bella Clara! Não é ainda tempo de recuperar a tua
antiga jovialidade? Será possível...

C L A R A.

Quem me falla? Ceos! Será elle? *Vendo a Guilherme,* modera o seu transportê. Guilherme, que pertendes do mim? Que objecto te conduz a perturbar a minha solidão?

G U I L H E R M E.

Assim me fallas , Clara! D'esse modo recom-pensas o amor mais sincero e constante? Ainda quando te despreza , me preferes o meu aborrecido rival?

C L A R A.

Tu tens-me amor?

G U I L H E R M E.

Ardo na chamma mais viva; morro por ti...
adoro-te.

C L A R A.

Conhecêste a Ernesto?

G U I L H E R M E.

Todos n'este lugar a conhecição , e abominavão :
só tu...

C L A R A.

Detem-te. Quando não fosse, como era de todos estimado , amava-o Clara : isto basta para ella aborrecer a quem ousar ultrajar o seu nome.

GUILHERME.

E hoje que elle está longe, e não te póde agradecer tantas provas de um amor tão decidido, não me dás esperanças de poder um dia substituillo nos teus affectos? Esse mortal tão amado...

CLARA.

Não prosigas, insolente. E dizes que me tens amor?.. É' essa a sua linguagem? Tendo conhecido a Ernesto, atreves-te a pertender um coração, em que elle só impera? Julgas com teus sarcasmos, que todos recahem sobre ti, poder aviltar um ómem, que não sabes avaliar? Esperas, importuno...

GUILHERME.

Basta, Clara. Não me irritão os teus despezos; sinto prazer com as tuas injurias. Auta risado por teu pai, venho offerecer-te um coração, que te idolatra, e com elle, tudo quanto possuo: venho tambem ouvir de teus labios a sentença decisiva...

CLARA.

Sim, o teu desengano, Nunca serei tua, Guilherme. Não vás pensar que te sacrificio a Ernesto: seria injuriallo, dar-te o nome de rival seu. Antes das aguias Francezas escurecerem os cumes de nossos montes; antes do ferro de Napoleão trazer a morte, e a desolação, a nossos lares; muito antes de conhecer a Ernesto, já tu dizias que me adoravas, e eu não te ouvia. Vi a Ernesto... entrou amor em meu peito. Separou-nos uma sorte cruel: mas um coração, que sabe amar, ama uma vez só. Apesar da sorte, dos contratempos, apesar mesmo, se é possível, da sua inconstancia, serei sempre sua. E se...

GUILHERME.

Aborreces-me, pois, esposa promettida de Ernesto ?

CLARA.

Já que assim o queres... não, não te aborreço, odêo-te.

GUILHERME.

Está bem. Eu vou tornar-me ainda mais digno do teu odio. *A' parte.* Furias, acompanhai-me ! *Para Clara.* Adeos, Clara ! Em breve me conhecerás ; saberás de quanto sou capaz. Deshumana, atrevida mulher, treme, treme da minha vingança ! Tu e Ernesto... sim, ainda hei de encontrallo. *Vai-se.*

SCENA IX.

CLARA, E CUSTODIO.



CUSTODIO.

Querida filha, que será isto ? N'este instante, passou por mim Guilherme, correndo, cheio de furor, com a desesperação pintada no semblante. Persuadome que te encontraria sempre inexoravel, não é assim, minha Clara ?

CLARA.

Sim, meu pai. Esse insolente acaba de estar comigo ; veio fallar-me do seu amor. Ferio-me, com seus ultrajes, na parte mais sensivel ; e no delirio da sua infame paixão, ousou ameaçar-me.

CUSTODIO.

Que cegueira! Raiva impotente! Miseravel! Mas, que ameaças fôrão as suas?

CLARA.

Vendo que nada conseguirão suas odiosas expressões, atrevêo-se a intimidar-me a vossa authoridade: quiz por esse meio obrigar-me a corresponder a seus loucos amores. Servio-se, em vão, d'esse recurso; e não podendo por mais tempo encobrir a negrura de seu coração, sem declarar o modo, porque tenta vingar-se, proferindo com horror o nome de Ernesto, partio acêso em colera.

CUSTODIO.

Desgraçado! Que terrivel, tyranico mal é a inveja! E' o fel, que corrompe todo o mel da vida; que de repente transforma amor em odio. Servir-se do meu nome, para constranger a tua inclinação! Eu apenas consenti em que elle mesmo viesse ouvir o seu desengano. Tu sabes muito bem, que nunca pertendi violentar o teu coração. Ah! se o ceo ouvisse os votos, que lhe faço pela tua felicidade! Se elle realisasse meus desejos! Mas, não pensemos mais em Guilherme. Quando é, querida filha, que deixarás de te affligir? Não vês que, entregando-te á violencia do teu desgosto, augmentas cada vez mais o azedume de teus pezares, definha-se a tua saude, e cavas tu mesma a tua sepultura!.. Cuidas que teu pai te ha de sobreviver? Acaso pensas que chorará muito tempo a tua morte? Toma animo, minha querida! Risca, desterra da lembrança um ingrato, um perverso, que tanto nos enganou.

CLARA.

ERNESTO, meu pai!.. ah! é impossivel... seu nome está gravado no meu coração em caracteres de fogo... quando este fogo se apagar, terá deixado de existir a triste Clara!

CUSTODIO.

Mas, minha rica filha...

CLARA.

Não, meu pai. Longe de diminuir, deve, de dia em dia, tornar-se mais pungente a minha dôr. Ernesto! Chamais-lhe perverso... ingrato... Esses nomes não exprimem o horror, que inspira o crime de tão barbaro monstro! Se soubesseis tudo... se conhecesseis o abysmo, em que se acha sepultada vossa desgraçada filha... Ceos! Não, eu não tenho força para dizer-lho... ah! triste pai!

CUSTODIO.

CLARA! O' meu Deos! Que terrivel suspeita me assalta o peito! Clara! acaso...



SCENA X.

CLARA, CUSTODIO, HENRIQUE, E FRANCISCO.



FRANCISCO.

Senhor! Senhor!

HENRIQUE.

Meu pai ! Querida irmã !

CUSTODIO.

Meu filho ! Francisco ! D'onde procede o susto ,
que vos perturba ?

FRANCISCO.

Fujamos , Senhor ! Minha rica ama , fujamos !

HENRIQUE.

Acudí depressa , meu pai : estamos cercados de
Francezes !

CLARA.

Ceos ! E' possível ! Barbara nação ! Triste pa-
tria minha !

CUSTODIO.

Que dizes , Henrique ! Explica-te , filho.

FRANCISCO.

Ah ! Senhor . . .

HENRIQUE.

Contem-te , Francisco. Era quasi chegada a ho-
ra de largar o trabalho , quando , ouvindo o estrondo
de uma espingarda , volto os olhos para a extreni-
dade do campo , e descubro tres ómens armados , to-
mando precipitadamente o caminho do monte. Sigo-
os com a vista ; e julgai qual seria o meu horror ,

vendo o cume da montanha apinhado de soldados ! Eu e Francisco logo nos escondêmos atraz de umas arvores ; e só agora que principia a escurecer , é que ousámos sahir do nosso escondrijo , e corremos avisar-vos do grande perigo , que nos ameaça.

FRANCISCO.

Não nos demoremos aqui máis , meu amo ! Fugamos a toda a pressa.

HENRIQUE.

Foje tu , se queres. Nós , meu pai , vamos deliberar sobre o que nos cumpre fazer : não temos um só momento a perder. Vinde reunir a nossa gente toda.

CUSTODIO.

Sim , filho , vamos. Mas , sem tropa , mal armados , que resistencia poderemos nós , inexpertes camponeses , oppôr a um ataque tão repentino , e inesperado. Porém , vamos com tempo tomar as nossas medidas.

HENRIQUE.

Querida irmã ! Não te deixes aterrar. Prepara-te , com resignação , para o que possa de funesto acontecer-nos. O teu Henrique não te ha de desamparar.

CLARA.

Conheces-me mal , Henrique. Não penses que seja capaz de me contaminar o exemplo de Francisco. Não conheces esta alma ; nem sabes quanto é susceptível de coragem. Vamos , meu pai : eu quero assistir ao ajuntamento de nossos amigos. Deos ! Dai-

me valor para levar ao fim, para que tenha um resultado feliz, a empresa, que acabais de me inspirar, Mas, se tem de ser funesto o seu exito; se nas ruínas da nossa aldêa devo antevêr a escravidão da minha patria; ah! Senhor, sepultai-me debaixo de suas cinzas! Não basta a minha desgraça? ah! Não me priveis, duas vezes, da morte... não, não me deixeis sobreviver á minha, e á sua vergonha!



ACTO SEGUNDO.

SCENA I.

Vista do interior de uma Choupana.



CUSTODIO, E CLARA.

CUSTODIO.

Não, querida filha: não pertendo occultar-te a intensidade da dôr, que me causa o estado, a que te vejo reduzida. Na innocencia de teus costumes, no teu virtuoso coração, tens a desculpa da tua involuntaria falta. Sou eu só o culpado... Sobre mim, a quem está confiado o cuidado de guiar, e observar a tua conducta; que devia conhecer o perigo, e tirar-te da borda do precipicio; sobre mim só é que recae toda a culpa. Instruido pela longa experiencia dos annos, devia eu conhecer o monstro, e livrar-te de suas garras... O culpado sou eu, por ter aflagado no meu peito, e com tanto carinho, a vibora que, ardilosa, esperava o momento opportuno de me fazer sentir o seu veneno...

CLARA.

Ah! Meu Pai!

CUSTODIO.

Sim ; muito desgraçados somos ambos ! E o que mais me afflige , é vêr que o barbaro author da minha e tua desgraça ainda occupa tanto lugar em teu peito. Acredita-me , minha Clara : desde o momento , em que o cruel sahir da tua lembrança , sentirás diminuir-se o teu desgosto , duplicarem-se as tuas forças para resistir aos tormentos , que hoje te dilacerão. Ah ! Rende-te ás supplicas de teu carinhoso pai : tranquilisa-te , se queres tornar ainda agradável o outono da sua velhice.

CLARA.

Quanto vossa filha seria indigna da vossa piedade , se não estivesse a memoria de Ernesto tão arreigada em seu coração ! Ah ! Se o seu crime só se apresentasse á minha lembrança , há muito que eu teria deixado de soffrer. Mas , não... Ernesto não podia , sem se trahir , conservar por tanto tempo o fingimento... extremosamente me amou o cruel. Desde a sua precipitada fuga , no silencio do meu constante retiro , tenho bem examinado até a mais simples de suas acções ; a mais insignificante de suas palavras ainda está presente á minha memoria. Não , meu pai ! Não se póde fingir tanta generosidade , tanta grandeza de alma... em seu peito dominava o amor mais terno... meu coração de certo me não engana... tantas virtudes não podem , não devem ser denegridas por uma acção , cuja causa ignoramos , e mal podemos interpretar.

CUSTODIO.

Credula filha ? Symbolo da virtude ! Tu mesma

proferes a sua condemnação! Quanto mais o defendes, tanto mais odioso se me antolha o malvado. Abusar de tanta innocencia... de tanto amor!... O' Deos! Quanto é degenerado o coração, que arranca lagrimas á innocencia, que é a causa fatal do sofrimento de uma alma sem mancha, e lança um coração sensível n'um mar de dôr, e de arrependimento! Nascido para proteger a belleza, não se transforma n'um monstro o ómem, que primeiro seduz, e depois exulta na sua criminosa victoria! Intentas justificallo, filha? acaso...

CLARA.

Eu fluctuo n'uma cruel incerteza. A sua defeza só achia fundamento n'este coração afflicto. Talvez... quem sabe!... Ernesto!... um presentimento... ah!... Mas, meu pai, entregue só á desgraça de vossa filha, de todo vos esqueceis do perigo, que está tão eminente. Vão, de certo, os inimigos cahir sobre nós. A confiança, que em vós tem depositado os nossos Camponезes, obriga-vos a cuidar na sua salvação. Por agora pensemos só na defeza commum: tornaremos, depois, a lamentar nossos males domesticos.



SCENA II.

CUSTODIO, CLARA, E HENRIQUE.

HENRIQUE.

Meu pai! Nós esperamos só as vossas ordens, para nos lançarmos sobre estes Tigres, sedentés de nosso sangue. Apressai-vos: o tempo insta: vinde dar-nos vossos conselhos.

CUSTODIO.

Sim, filho; vamos. Já mandaste para o valle todos os velhos, nossas mulheres, e filhos?

HENRIQUE.

Todos os que não nos podem ajudar estão em lugar seguro, livres dos golpes do inimigo: ainda quando succumbamos, não poderão descobrir o seu escondrijo. Vamos, pois: eu mesmo, Clara, quero conduzir-te ao valle: quero deixar-te livre de todo o perigo.

CLARA.

Não, Henrique. Eu pertendo acompanhar-te: pe-leijando a teu lado, o meu exemplo animará nossos Camponezes.

CUSTODIO.

Filha!..

HENRIQUE.

Que loucura! Queres por ventura...

CLARA.

Sim; quero tambem defender a patria. Não se-rei digna de combater por ella? Hei de cantar a sua victoria, ou derramar todo o meu sangue.

CUSTODIO.

Mas, filha....

CLARA.

Em vão, meu pai, vos oppondes. E' firme a

minha resolução, e longe de vos desagradar, deve encher-vos de satisfação. E' immortal o odio, que hoje me inspirão os inimigos do meu paiz; irrita-me o obstinado rancor, com que nos perseguem: quero tambem vingar-me. Ouvi, pois, o meu parecer á cerca do que devemos fazer. Os inimigos não tardão a atacar-nos. Vamos, portanto, anticipallos, surprehendêllos: a obscuridade da noute favorece a nossa empreza. Cahiámos sobre elles, agora mesmo que menos nos esperão. Já que o seu numero é grande, e somos poucos, recorrámos ao estratagemas; finjámos fugir-lhes, para os atrahir ao desfiladeiro: não poderão, então, escapar á nossa vingança. Vamos, e de uma vez derrubemos suas soberbas aguias. Deos ha de ajudar-nos: sim, o Deos, protector dos opprimidos, dará força a nossos braços, para aniquilarmos esses vís esquadrões, que pertendem escravisar-nos.

NOTA

SCENA III.

VISTA DE CAMPO.

ERNESTO só.

E' quasi chegado o momento, que vae marcar a minha perfidia, e desgraça. O ceo não quer attender ás amargas queixas, que lhe dirijio, não ouve meus dolorosos gemidos. O terrivel amor, a voluvel fortuna, parecem ter-se reunido para accumular a minha miseria. Eu cumpro o meu destino... nasci, triste de mim, para soffrer!.. O' Sexo gentil! Vosso imperio é maior, muito mais terrivel que o dos

Senhores da terra ! Não podem chegar senão á nossa vida exterior as affrontas, ou os beneficios d'estes ministros da fortuna : conseguimos fugir-lhes, e até desafiallos ! A vós só é que é dado reinar sobre a nossa intima existencia ! Só vós conheceis o segredo de aformosealla, ou de tornalla desgraçada ! Cruel, rigoroso dever... eu sacrifiquei-te amor... mas, quanto me tem custado ! Restitue, ao menos, a tranquillidade á minha alma agitada.



SCENA IV.

ERNESTO, LARCY, E GUILHERME.

Guilherme fica no fundo da Scena, no meio de uma escolta.



LARCY.

Meu Coronel ! Trago á vossa presença um Camponez, que, há pouco, uma de nossas escoltas descobriu n'um lugar, proximo ao nosso acampamento.

ERNESTO.

Sabeis com certeza, se pertence a Valbom ?

LARCY.

Ainda d'elle nada pude averiguar. A intrepidez, que affecta, o obstinado silencio, que persiste em guardar, desde que cahio nas nossas mãos, me obrigão a pensar que é um espião. Agora podereis fazer-lhe as perguntas, que julgardes necessárias.

ERNESTO.

Está bem : trazei-mo aqui.

LARC Y.

Soldados ! Avançai.

ERNESTO.

A' parte. Ceos ! Guilherme ! Será possível ! . .

GUILHERME.

A' parte. Que vejo ! Ernesto ! . . O' raiva ! O' desesperação ! . .

ERNESTO.

LARC Y ! Ide ter com Bonneval : dizei-lhe que , sem demora , ponha em execução a ordem , que de mim , há pouco , recebeo . O prisioneiro aqui fica comigo .

LARC Y.

Obedeço , Senhor . *Vae-se.*

ERNESTO.

Soldados ! Podeis retirar-vos .

A escolta retira-se para o fundo da scena.

GUILHERME.

Que confusão ! Na presença de meu rival . . maldito contratempo ! . . Está frustrado o meu plano .

ERNESTO.

GUILHERME ! Como interpretar a vossa conducta !

Escondido junto ao acampamento de vossos inimigos... que devo pensar de vós?

GUILHERME.

Vós, Senhor, á testa dos invasores da patria de Clara!.. Em armas nas vesinhanças de Valbom... Que juizo deverei formar de vós?

ERNESTO.

Temerario! Assim ousas indagar do meu procedimento? Atreves-te, na minha presença, a proferir o nome da minha amante?

GUILHERME.

De vossa amante!.. Acaso vindes de novo offerer-lhe a vossa mão? Pertendeis celebrar vosso hymenêo entre as bayonetas, que vos obedecem?

ERNESTO.

Assim me insultas á frente de meus soldados!.. Insolente! Sabes com quem fallas?

GUILHERME.

Fallo com o meu mortal inimigo; com o roubador do meu socego; com o perfido assassino d'aquella, que devia um dia ser minha esposa, se não fôra...

ERNESTO.

Assassino de Clara!.. Que dizes? Explica-te.

GUILHERME.

Sim, ómem odioso! Essa, sobre quem tens tan-

to imperio , não sobreviverá muito tempo á tua des-humanidade , e perfidia.

ERNESTO.

A' parte. Ceos ! Ainda vive ! Ainda poderei re-
parar o meu erro ! . . .

GUILHERME.

Exasperado pelas suas repetidas repulsas , resol-
vi vingar-me . . . converteo-se em odio todo o meu
amor. Furioso , fugi da sua presença , deixei meus
amigos , para solitario , entregue só á desesperação ,
poder pensar nos meios de retribuir tantas injurias.
Sabendo que os nossos insaciaveis inimigos occupa-
vão estes sitios , para aqui dirigi meus passos : pro-
curei esconder-me , esperando pelo momento oppor-
tuno , que , no tumulto do conflicto , dirigisse o fer-
ro da minha vingança. Fui descoberto : a sorte ad-
versa lançou-me em teu poder. Sim , fere . . . tira-me
uma existencia horrorosa . . . livra-te , n'um só gol-
pe , de um rival , que te odêa , que saberá dar-te
a morte , se lhe poupare a vida.

ERNESTO.

Eu , manchar-me n'um sangue tão vil ! . . . Mas ,
dize , malvado ! Quaes são teus intentos ? Que cri-
me pretendias perpetrar ?

GUILHERME.

Gloriar-me nos horrores da carnagem , que fi-
zessem teus soldados . . . cravar o punhal no peito
de todos quantos soubêrão desafiar o meu odio.

ERNESTO.

Querias , deshumano , ensopar tuas perfidas mãos
no sangue. . .

GUILHERME.

Sim , no sangue de Custodio , de Clara , de . . .

ERNESTO.

Malvado ! Foge da minha presença. Vae , mi-
seravel ! A tua negra traição receberá o justo cas-
tigo , que merece.

GUILHERME.

Não , não temo a morte. O aspecto do sup-
plicio mais affrontoso será grato a meus olhos.

ERNESTO.

Soldados ! Levai esse ómem. Guardai-o bem :
haveis de responder-me por elle.

A escolta sahe com Guilherme preso.



SCENA V.

ERNESTO , E BONNEVAL.



BONNEVAL.

Foi fielmente cumprida a tua ordem : o Regimen-
to está debaixo de armas , e não tarda a marchar ,

conduzido por Larcy. Mas, meu Ernesto! Que furor é esse, que diviso em teus olhos? Eu soube, há pouco, que um prisioneiro... acaso aconteceria algum novo desastre? Terá a fortuna...

ERNESTO.

Meu Bonneval! Estou tremulo de horror, e de raiva. O prisioneiro... é Guilherme... é o meu rival!...

BONNEVAL.

E' possível!..

ERNESTO.

O malvado, ignorando a minha presença n'estes sitios, pertendia, durante a confusão do ataque, assassinar, roubar-me a prenda querida da minha alma!

BONNEVAL.

Mas, uma vez que elle se acha em teu poder, longe de affligir-te, deves agradecer ao céu por nos ter fornecido os meios de frustrar seus perfidos intentos.

ERNESTO.

Ah! Querido Bonneval! Se soubesses o que este miseravel me disse de Clara!..

BONNEVAL.

Nenhum credito devem merecer-te as suas imposturas. Bem claro está que, para se vingar, ha de procurar enganar-te.

ERNESTO.

Conheço isso; mas ainda assim.

B O N N E V A L .

Eis que chega Larcy.



S C E N A VI.

ERNESTO, BONNEVAL, E LARCY.

Larcy vem á frente do Regimento.



L A R C Y .

Eis nos ás vossas ordens, Coronel. Cumpre me informar-vos que os tres exploradores nada poderão saber do que pertendieis. Por acaso se disparou a espingarda a um d'elles; e como estivessem mui perto da povoação, recearão ser surprehendidos, e a toda a pressa se retirarão.

E R N E S T O .

Ainda mais este contratempo , meu Bonneval!

B O N N E V A L .

Em nada vem transtornar o nosso plano. Vamos, Ernesto! E' preciso resolver-te : não temos tempo a perder.

E R N E S T O .

Soldados ! Devemos apoderar-nos da Aldéa de Valbom. E' esta a ordem, que tenho do nosso general : hei de cumprilla. Sepultados no somno ; não

tendo a mais leve suspeita de nossas intenções ; sem meios , incapazes de nos oppôr a menor resistencia , estes Camponezes não merecem ser maltratados : respeitemos a sua desgraça. Podemos mui bem combinar o dever com a humanidade. Pede-vos o vosso Coronel que não façaes correr o sangue da innocencia : não assolemos , com fereza , e impiedade , um lugar , onde habitão a paz , e a virtude. Não , soldados ! Não queiramos acarretar sobre o nosso nome mais horror , do que o que elle já inspira a este generoso , e triste povo ! Rejão nossos passos a prudencia , e a humanidade : talvez consigámos mais do que pela violencia , e á força de armas. Vamos , sem estrondo cercar a Aldêa. Firmes no vosso posto , esperareis pelas minhas ordens. Eu , e Bonneval , entraremos sós ; fallaremos a estes Camponezes ; e com brandura , os reduziremos a ceder : a preferir a prudencia a uma resistencia inutil. Eia , pois , marchêmos !



SCENA VII.

OS MESMOS DA SCENA ANTECEDENTE.

Entrão varios Camponezes , capitaneados por Henrique , os quaes fazem fogo sobre os soldados. Henrique , tomando a Bonneval pelo commandante , dirige-se para elle , dizendo :

Eis o Chefe d'estes monstros , nossos crueis invasores ! A elles , amigos ! Tu , malvado , morre ás minhas mãos.

Acommette a Bonneval , que se defende. N'este meio tempo , os soldados ficão firmes , esperando as ordens de Ernesto , que exclama :

Ceos! Que terrível desastre! Estão perdidas as minhas esperanças! Fogo, camaradas!

A primeira descarga dos soldados, retirão-se os Camponezes em desordem: Henrique é o ultimo, que foge.

B O N N E V A L.

Então, Ernesto! Que determinas?

E R N E S T O.

Estás ferido, caro amigo?

B O N N E V A L.

Não: apesar da sua dexteridade, não pôde chegar-me aquelle valeroso Camponez. Coronel, vê o que resolves.

L A R C Y.

Senhor! Assim soffreremos este insulto?

E R N E S T O.

Estes pobres, amigos, achárão-se tão enganados, como nós estávamos; julgarão-nos descuidados: a prova é que não poderão sustentar o nosso primeiro fogo. Devemos, com tudo, cortar-lhes a retirada, Atalhemos maior effusão de sangue. Vamos: observei a conducta do vosso Coronel; segui o seu exemplo; e não vos esqueças do que, há pouco, vos recômmendou. Avante, Soldados!

Sahe o Regimento apoz Ernesto, Bonneval, e Larcy. Haverá, por alguns instantes, um fogo vivissimo: e apenas elle principie, distinguir-se-ha a voz de Larcy.

Coronel ! Coronel ! Estamos cercados !

Continuará o fogo ; (1) e logo apparecerão alguns soldados retirando-se , em desordem , perseguidos pelos Camponezes. Entra Larcy reprehendendo , e procurando animar os seus :

Ah ! Cobardes ! Assim abandonaes o vosso estandarte ? O' vergonha !

Em quanto Larcy está fallando , apparece Guilherme ; o qual , tomando aquelle official por Ernesto , crava-lhe um punhal nas costas , e logo diz :

Finalmente estou vingado ! Morre ás minhas mãos , rival amado ! . . O' vingança ! Continúa a dirigir o meu ferro. *Vae-se.*

Entra Ernesto , defendendo-se de tres Camponezes. Tem só tido tempo de chegar ao meio da Scena , quando apparece Clara , afugentando a uma partida de sol.

(1) Querem algumas pessoas que seja um erro de Scena o intervallo , que medêa entre a sahida do Regimento , e a entrada dos soldados , que vem fugindo ; por ficar a Scena inteiramente deserta. Eu não o julgo assim. Na Scena , é verdade , não fica pessoa alguma : mas que importa isso , se dentro se está passando uma acção , que prende toda a attenção dos espectadores ? Clara não disse , há pouco , que deverião os Francezes ser atrahidos ao desfila-deiro ? O fogo alternado , que distinctamente se ouve , não os excita a interessar-se pela sorte de Clara , ou de Ernesto ? A exclamação de Larcy não os tranquilisa sobre o feliz resultado do estratagemma dos Camponezes ? Tenho uma quasi certeza que esta passagem , bem longe de dar tempo aos espectadores a distrahir-se , é de todo o Drama a que mais occupa a sua attenção : logo não é erronea , e achasse , pelo contrario , dentro dos preceitos da Arte Dramatica.

dados, seguida de todos os Camponezes, arrastando uma Águia Franceza, e com a espada na outra mão. Apenas entra, exclama:

Victoria, amigos! Victoria! Vêde como humilde arrasta o pé a águia de nosso soberbo, e bárbaro invasor!

Apenas Ernesto a ouve, larga a espada, corre para ella, e ajoelha. Clara, que logo o conhece, diz admirada:

ERNESTO a meus pés!.. Ernesto! Es tu?.. Meus olhos não me enganão?..

ERNESTO.

Sim, sou eu! Fere, Clara... é o infeliz Ernesto, que prostrado a teus pés, te supplica o livres do pezo de uma vida odiosa, e desgraçada.

CLARA.

Eu sonho... ou vélo?.. Ernesto em armas contra a patria da sua adopção! E' com as mãos tintas no innocente sangue de meus amigos, que torno a vêr o hospede querido de meu pai!.. Não... tu não és o Ernesto, que soube encantar a Clara... monstro hediondo, que te revestiste da sua forma, não excites o meu furor... foge da minha presença!

ERNESTO. *Illegible text*

Ah! Virtuosa Clara! Esses ultrajes... sim, eu os mereço... satisfaz o teu odio, sacia a tua vingança... dá-me a morte, Clara!

CLARA.

Eu! tirar a vida a um inimigo prostrado e abatido! Perfido! Assim me conheces? Tu és indigno da minha vingança. Ergue-te, cobarde! Foge, vae entre teus infames companheiros contar, e esconder a tua vergonha. Sim, dize-lhes que uma mulher patriota, e ultrajada, teve horror de ensopar suas mãos n'um sangue tão vil!

Entrão Custodio e Henrique, exclamando:

HENRIQUE.

Victoria! Victoria!

CUSTODIO.

Ah! Minha Clara! Vem a meus braços, querida filha!

Ernesto levanta-se.

CLARA.

Caro pai! Meu Henrique! Quereis vêr o malvado? Allí o tendes o valeroso capitão d'estes salteadores... conhecei-o.

ERNESTO.

A' parte. Desgraçado de mim! Onde esconder-me?

CUSTODIO.

Que vejo! Ernesto!

HENRIQUE.

Ceos! Será elle?

CUSTODIO.

Que buscas n'estes sitios, Ernesto? Assim é que mostras a tua gratidão! Coberto do sangue de meus filhos!.. Receaste que o sól fosse testemunha do teu crime? Intentavas no horror da noute assassinar teus amigos?.. D'este modo pagas tanto amor? E' esta a recompensa de meus cuidados, da minha amizade?

ERNESTO.

Bom Custodio! Ah! Basta de injurias... talvez eu não seja tão criminoso como pareço, como pensas... condóe-te, antes, da minha desgraça! Ah! Meu pai!..

CLARA.

Teu pai! Que horror!.. Atreves-te a profanar tão doce nome? Ah! Que és indigno da nossa presença!.. O teu odioso aspecto nos envenena! Vae... não te demores... leva para longe de nós a tua perfidia, a tua vergonha!..

CUSTODIO.

Não, Clara; não partirá. Ernesto é nosso prisioneiro: ainda é mais... esteve entre nós como espião... é um criminoso, a quem não podemos soltar. Deve responder pela sua conducta.

ERNESTO.

A' parte. O' Meu Deus! Consentís que eu seja victima de tantas injurias! Matai-me, por piedade!

CUSTODIO.

Amigos! Levai-o para a prizão. Minha Clara!

Vem completar a tua obra. Henrique! Vejamos o que nos resta fazer. Iremos, depois, agradecer ao Altíssimo o assignalado auxilio, que nos prestou. Eia! Vamos, meus filhos.



ACTO TERCEIRO.

SCENA I.

Vista do interior da Choupana.



CLARA só.

E poderei ainda duvidar da minha desgraça? . . . A alma de Ernesto presa do crime! . . . Tanta ingratição, tanta falsidade n'um coração, que tão sincero e virtuoso me parecia, e que tão cruelmente me enganou!! O' Deos! Recorrer á impostura, cobri-se, ardiloso, com o sagrado manto da virtude... captivar, com refinada hypocrisia, a amizade de meu pai... estabelecer o seu imperio n'um terno coração, sensível a tantos falsos encantos... abusar do meu amor, triumphar do delirio da minha paixão! . . . Fingiria tantos desvelos, tomaria a forma de um amante extremoso, só a fim de melhor informar os seus de todos os nossos movimentos, vivendo entre nós sem susto, e em segurança? . . . Crime execrando! Atroz perfidia! E tu, Clara desditosa! Podeste amar tão horrivel monstro, dar credito a suas fallazes promessas! . . . Deixaste succumbir a tua virtude, a tua innocencia, aos tramas do vil seductor! . . . Fraca... culpada mulher! Não tiveste força para resistir á violencia do pestilento fogo, em que ardião teus sentidos? . . . Ah!

Corre , fuge á vergonha , que te espera . . . vae sepultar no fundo dos bosques a tua culpa , e o triste fructo da tua criminosa chamma . O perverso está perto de ti . . . a sua presença envenena o ar , que tu respiras ! . . . Infeliz Clara ! Ah ! Foge , foge ! . . .

◆◆◆◆◆

S C E N A II.

C L A R A , E H E N R I Q U E .

◆◆◆◆◆

H E N R I Q U E .

Estão destruidos todos os nossos inimigos. Espalhados , na maior confusão ; ignorando os immensos atalhos , que cruzão a nossa Aldêa , não poderão resistir a nossos golpes . Muitos jazem mortos , estendidos no campo : todos os que quizêrão experimentar a nossa clemencia , (e estes são em maior numero ,) ficarão prisioneiros ; estão em nosso poder . A ti só é devida esta grande victoria , á tua coragem : perforce-te exclusivamente a honra d'este triumpho . Eu venho , intrepida e valerosa Clara , de mandó de meu pai , dizer-te que se achão juntos todos os prisioneiros ; e não os quer remetter para a Côrte , com a relação do combate , sem primeiro fallar-te .

C L A R A .

A' parte. Triste de mim ! Que quererá dizer-me ?

H E N R I Q U E .

• Tu não respondes , querida irmã ! Depois de dar

uma prova tão grande de uma coragem superior ao teu sexo; quando acabas de atrahir sobre ti a admiração, e os louvores de todos, é que foges as congratulações de teus amigos, que desejão vêr, e abraçar-te! Devendo colher o fruto de teu nobre valor, nas demonstrações de alegria de todos nós, vens, solitaria, alimentar a melancolia, que te consome, entregar-te á tua costumada tristeza? Acaso és insensível aos elogios, com que a patria agradecida vae cantar a tua coragem varonil? Queres, amada Clara...

C L A R A.

Basta, Henrique. Tu não conheces até que ponto chega a extensão das penas, que me dilacérão. Se o soubesses, teu bom coração sympathisaria com a minha magoa. Não sou, como pensas, insensível ao triumpho da patria: nem tambem são bem merecidos esses elogios, que me prodigalizão. Não fiz mais que cumprir com o meu dever. Deos protegeo-nos, inspirou-nos valor, destruimos o inimigo. Já tomei parte no contentamento geral: posso, agora em segredo, deplorar o meu triste destino... Mas dize-me, irmão: sabes se meu pai está resolvido a mandar Ernesto junto com os outros prisioneiros?

H E N R I Q U E.

Por certo. Aquelle malvado, que tanto amor te mostrava, e parecia tanto nosso amigo, tendo só em vista assassinar-nos por fim, ha de soffrer o castigo, que merece a sua negra traição. Meu pai quer tirar d'elle uma exemplar vingança; e se tu...

C L A R A.

Vae, Henrique: dize-lhe que não tardo em ir á sua presença. Francisco onde está, sabes?

HENRIQUE.

Elle e todos os nossos amigos estão com meu pai, a quem corro prevenir da tua chegada. *Vae-se.*



 S C E N A III.



CLARA só.

Ceos! Entregue á justiça!.. Ernesto espião, traidor... convencido do seu crime... condemnado á morte!... E tu, barbara mulher! assim deixarás perecer o teu amante?... Pertendes imitar a sua crueldade, e perfidia? Queres tambem ser deshumana?... Abandonarás ao supplicio aquelle, que devia ser teu esposo, o idolo da tua alma?... Não sentes estremecer, dentro em tuas entranhas, o innocente penhor do teu affecto?... Ainda cego á luz do sól, já o queres reduzir á orfandade, em castigo de um crime, de que és tu só a culpada?... E não terás horror de ti mesma?... “ Talvez eu não seja tão criminoso, como pareço...” Estas palavras, elle as proferio na presença de meu pai... Ah! E não irei ouvir a tua defesa, certificar-me da tua innocencia?... Ernesto! Tu, que eras, outr’ora as delicias d’estes braços ternos e extremos, espera... sim, vêu, ingrato, livrar-te do vergonhoso fim, que te preparão! Quero que me devas a vida; ou vêr-me-has participar da tua desastrosa sorte... expirar em teus braços. *Vae-se.*

SCENA IV.

VISTA DE CARCERE.

ERNESTO só.

Sim , impia sorte , que tão barbaramente me persegues . . . eu succumbo a teus golpes ! Deves estar satisfeita . . . já perdi toda a esperança de abraçar-te . . . apressa , ao menos , o meu fim . Que atroz , cruel prazer , sentes tu em prolongar meus horriveis tormentos , que , sem dar-me a morte , me fazem soffrer tanto ? Resta-me um unico asylo . . . d'esse não me podes tu privar . . . o alivio de meus males só o espero na noute do tumulo ! Eis me encerrado na medonha morada do crime ! . . . Que horror me circunda ! Que pavorosos espectros ante mim voltêão ! . . . Negras imagens , que tão terrivel me representaes a ignominiosa morte , que talvez me espera . . . fugi , desaparecei . . . deixai que a minha alma contemple , seu susto , o momento fatal ! Clara ! . . . E deverei , por cumulo de horror , receber de tuas mãos a terrivel sentença ! . . . Ah ! Se conhecesses bem este coração . . . se soubesses dos combates , com que o tem despedaçado o amor , e o dever , não te mostrarias tão irada ; deplorarias antes a minha desventura , defenderias o teu amante , o teu esposo . . . não applaudirias a sua morte ! Mas acreditar tão depressa no meu crime . . . negar-me a mais leve desculpa . . . ter-me pelo mais vil dos ómens . . . triumphar na minha deshonra ! . . . Se me tivesses amor ! . . . Mas , não . . . eu tornei-me digno do teu furor , não devo mover a tua piedade , mereço o teu odio ! Antes que o golpe fu-

nesto corte o fio da minha triste e desgraçada existencia, uma graça só peço... quero ainda vêr-te, jurar-te que, apezar do teu rancor, da tua raiva, te amo, te adoro!.. Mas que ruído será este? Ouço cahirem os pórridos ferrolhos, que prohibem a sahida d'este feio carcece... Quem vem interromper o horroroso silencio, que reina n'este escuro alvergue da morte?..

◆◆◆◆◆

SCENA V.

ERNESTO, E BONNEVAL.

Bonneval vem seguido de dous Camponezes, que fição junto aos Bastidores.

◆◆◆◆◆

BONNEVAL.

Ah! Meu querido amigo!

ERNESTO.

Como, Bonneval! Tu prezo!... Vens participar da minha sórte? Tambem terás crimes?

BONNEVAL.

Não; não me imputão crime algum; sou contemplado meramente como um prisioneiro de guerra. Tendo sabido que te achavas entre ferros, pude, á força de rogas, obter de Custodio, d'aquelle Juiz severo, a graça de vir, por alguns momentos, chorar contigo a tua desgraça... unica consolação, que posso offerecer-te.

ERNESTO.

Fiel, e generoso amigo! Eu não necessitava d'esta prova, para me certificar da sincera amizade, que me consagras. Tanto interesse pela minha sorte obriga a minha gratidão. Aceita, em premio, este coração... é teu... amor o regeita: mas será grata a sua offerta a um amigo tão extremoso. Em breve...

BONNEVAL.

Ah! Meu Ernesto!...

ERNESTO.

Sim, amigo. Sinto, com a tua presença, reanimar-se esta alma afflicta. Dá-me uma relação exacta dos acontecimentos d'esta horrorosa noite.

BONNEVAL.

O Regimento acha-se inteiramente destruído: poucos soldados escaparão. Muitos perecerão aos terríveis golpes d'estes enfurecidos Camponezes: os que sobreviverão áquella catastrophe, ficarão, assim como eu, prisioneiros. E sabes quem fez tudo isto? Quem traçou o plano d'esta surpresa. Quem commandou estes ómens, e com seu exemplo os ensinou a triumphar da nossa coragem, e experiencia? Foi uma mulher na flôr dos annos, tão linda, quanto é valerosa!

ERNESTO.

BONNEVAL! Essa mulher, gloria do seu sexo, esse portento de formosura, essa heroína... é Clara... é a mesma, que foi minha amante... que tanto amor me teve, e hoje me odêa!...

B O N N E V A L.

Que escuto! Aquella magestosa matrona, a quem, no campo da mortandade, vi dictar a lei aos seus, pizar arrogante nosso estandarte, e receber com clemencia os vencidos, é a tua Clara!! A docil, meiga, innocente Camponeza, que vive em teu peito; cuja singeleza, e ternura, me tens, por tantas vezes, retratado com côres tão vivas, no mejo de teus transportes! Tanta humanidade, e bravura! Tanta audacia, e prudencia! Que feliz combinação de virtudes tão oppostas!

E R N E S T O.

Pela riqueza do thesouro, que eu possuia, avalia a minha perda. Vê, calcula quanto eu seria feliz... imagina quanto hoje serei desditoso!... Mas, conta-me, amigo, como cahiste nas mãos do inimigo. Aonde está Larcy.

B O N N E V A L.

Sabes mui bem, depois que nos deixámos cahir no laço, que nos armárão os Camponezes, quanto a obscuridade da noute nos foi funesta, e concorrêo para o bom exito do seu estratagemma. Os nossos soldados, achando-se cercados, expostos a um fogo mortal, que partia de todos os lados, exasperados por não poder chegar ao inimigo, que de lugar seguro, espalhava a morte entre elles, não attendêrão á minha voz; perdêrão a ordem, fugirão. Foi então que os Camponezes sahirão do seu escondrijo; se nos mostrarão terriveis, e fizêrão a mais cruenta carnagem. Larey foi apunhalado por aquelle Camponez, nosso prisioneiro, que, no meio d'aquella funesta confusão, pôde evadir-se.

ERNESTO.

GUILHERME!! O malvado está outra vez em liberdade!... Ceos! Que horrores vae a sua ferina vingança perpetrar!...

BONNEVAL.

Não, amigo. D'elle nada tens que reccar. Tive a fortuna de livrar a terra d'aquelle monstro. Acabava de embeber-lhe a espada no peito, quando fui cerdo, e feito prisioneiro.

ERNESTO.

Que terrivel desastre, Bonneval! Que dirá de nós o General? Que juizo formará da nossa conducta?

BONNEVAL.

Nenhm que possa ser-nos deshonroso. Tu quizeste executar as suas ordens; fizemos todos o nosso dever: a sorte da guerra foi nos adversa... em nada somos culpados. Não deve restar-te o mais leve remorso. Mas, tu ainda me não disseste o motivo, porque és condemnado á prizão, porque és n'ella detido. Qual será a causa d'este cruel tratamento?

ERNESTO.

Sou considerado symbolo da ingratição... a espionagem é o horrivel crime, de que sou accusado! Os dias felizes, que passei nos braços de Clara, entregue só ao amor, e á minha ventura, formão hoje o meu corpo de delicto!...

B O N N E V A L.

E tu não negas esse supposto crime ? Sujeitas-te á sentença do Juiz d'estes Camponezes ?

ERNESTO. ¶

Não é Custodio quem me julga. Elle vae remetter-me ao tribunal competente : é infallivel o meu supplicio. . . tudo falla contra mim ! . . . As provas da minha innocencia existem só na sinceridade , na pureza de meu coração . . . n'estas provas não acreditão os ómens. Só Clara . . .

SCENA VI.

OS MESMOS, E FRANCISCO.

FRANCISCO.

Senhor Major ! Trago ordem para que vos retireis immediatamente.

B O N N E V A L.

De quem vem ?

FRANCISCO.

De quem vos deo faculdade de aqui entrar.

B O N N E V A L.

Obedeço. Adeos , caro amigo ! . . . *Abraçando Ernesto.*

ERNESTO.

Vae, Bonneval. Não te esqueças de Ernesto... conserva uma saudosa lembrança do teu melhor amigo...

BONNEVAL.

Desterra essas horrorosas idéas. Vou fallar a Custodio. Contar-lhe-hei quanto sei a teu respeito: elle ha de prestar credito ás razões, que lhe dér do teu procedimento. Quando seja perciso, irei ter com Clara, lançar-me-hei até a seus pés.

FRANCISCO.

Vamos, Senhor!

BONNEVAL.

Adeos! *Torna a abraçar Ernesto.* Adeos!...

Vae-se com Francisco, e os Camponezes.



SCENA VII.

ERNESTO, E CLARA.

Entra Clara; mas fica no fundo da Scena.



ERNESTO.

Vae, amigo! Não poderá a tua generosidade conseguir o fim, que deseja. Lançar-se aos pés de Clara!..

C L A R A.

A' parte. Ceos! Elle horroriza-se ao pronunciar o meu nome! Como combate com os remorsos!

E R N E S T O.

Distrahido. Pensas que attenderá aos teus rogos? Julgas que se deixará enternecer aquelle peito de marmore?...
.....

C L A R A.

A' parte. Chama-me cruel!.. Desconfiará da ternura de meu coração!... *Adiantando-se para a Sccena.* Ernesto!...
.....

E R N E S T O.

Que vejo! Clara!!

C L A R A.

Assusta-te a minha presença? Outr'ora, cruel, suspiravas por me ter a teu lado... eras todo alegria, quando me avistavas!...
.....

E R N E S T O.

Não; a vista de Clara não me causa susto. Não esperava vêr a minha vencedora n'este funebre lugar... Deve surprehender-me, um pouco, a sua inesperada visita.

C L A R A.

Inesperada visita!... Que indifferença! E' este o modo; com qué, em outro tempo...
.....

E R N E S T O.

Tambem tu não és hoje a mesma Clara , que outr'ora se lançava em meus braços , apenas me via.

C L A R A.

Como! Ousas imputar-me os teus crimes? Chamas-me inconstante?... Não faltaste a teus juramentos? Não me enganaste?... Ah! O'mens perversos? Quão desgraçada é a mulher, que succumbe aos vossos artificios! Além de ultrajar ao seu sexo, que sempre se vinga, desprezando-a; ella compromette o descanso, a honra, e a vida dos entes, que lhe são mais caros! A indifferença, e um abandono total são o premio de todos os seus sacrificios! Sim, perfido! Eis a recompensa de meu extremoso amor! O perjurio, e a traição!!!

E R N E S T O.

As apparencias são contra mim. Embora tudo concorra para me representar culpado a teus olhos... Não, Clara! Ainda te amo... ainda és o idolo do meu peito!.. A minha afflicção, os meus tormentos são originados pela injuriosa desconfiança, em que laboras. A minha defesa... ah! Eu appello só para o teu coração! Minha Clara! Interroga esse coração, que tanto me adorava... elle te dirá que o teu Ernesto não é perjuro... que nunca te foi traidor!

C L A R A

Nada me poderá dizer, que torne a enganar-me. Sim: muito tempo fallou este coração a teu favor... muito me illudio!.. Hoje, certa da sua parcialidade, já lhe não dou mais credito. Para a tua

plena justificação necessito de provas : e devem ser tão fortes como os factos , que depoem contra ti.

ERNESTO.

Acredita-me , Clara. Era por extremo grande a minha felicidade , quando eu contemplava o dia , o momento venturoso , que estava proximo a unir-nos para sempre. Esse dia ia provar-te o excesso do meu amor , tranquilisar a tua innocencia , mostrar-te a sinceridade de minhas promessas.

CLARA.

E como podeste , n'um instante , esquecer-te d'esse teu amor , dessas promessas ? Porque fugir , abandonar-me ? . . .

ERNESTO.

Esquecer-me de ti ! Em quão pouco te avalias ! Tu não sabes apreciar o teu merecimento. Pensas que poderás jámais sahir do peito , que tiver a dita de te possuir ? Sê injusta só para comigo , Clara ! A noticia fatal da renovação da guerra veio trespassar me de um golpe terrivel ; pôz-me n'uma cruel collizão. Se eu recebesse logo a tua mão , e ficasse a teu lado , via-me exposto a ser descoberto pelos Francezes , certo de que penetrarião até aqui. Uma vez que me conhecessem , seria tido por desertor ; imputar-me-hião o crime de traição ; e sem poder valer-lhe , verias o teu Ernesto soffrer o ignominioso castigo de traidor á sua patria. Quiz , portanto , por uma prompta justificação da minha conducta ao meu General , poupar-te áquelle horror ; embora , n'esse intervallo , tu construisses mal o meu estranho procedimento , na apparencia criminoso.

C L A R A .

Mas , deixar-me , sem de nada me avizar ! Sem me informar dos teus projectos !.. Pódes , tambem justificar essa desconfiança ?

E R N E S T O .

Pensas que me terias deixado partir ? Eu poderia resistir ás tuas lagrimas , aos teus rogos ?... Ter-me-hias obrigado a ficar : a embriaguez de uma felicidade momentanea não me permittiria considerar no futuro. Para te poupar a uma dôr menor , sujeitar-te-hia a uma magoa eterna... accusar-te-hias como causa da minha funesta morte. Antes quiz que , por algum tempo , me tivesses por um ingrato : julguei d'este modo cumprir com o meu dever , seguindo os dictames de meu coração.

C L A R A .

Se quanto dizes fosse verdade !... Se eu , sem remorsos , pudesse dar credito a tuas doces palavras !.. Mas...

E R N E S T O .

Ouve , minha muito amada ! Ouve a justificação do teu esposo ! Elle não abusa da tua ternura ; não pertende enganar-te. Foi bem aceita a minha defesa ; achava-me restituído ao meu posto , a todas as minhas honras ; meditava no modo de effectuar a nossa união... Oh ! Cruel lembrança !... Não , minha querida ; este ataque , que parece constituir todo o meu crime , não foi traição minha. O amor , e o dever , soffrêrão uma terrivel alternativa... o dever... sim , Clara , eu o confesso ; n'aquelle critico dilemma triumphou o dever... eis todo o meu crime : culpa-

me, se queres. Mas, uma ordem positiva... vê se eu poderia faltar á sua execução! Lê, eilla aqui! *Tirando do seio um officio, e apresentando-lho.* Sujeito-me ao teu juizo... absolve, ou condemna o teu Ernesto...

C L A R A.

Não quero lêr, Ernesto. Estou satisfeita... basta quanto tens dito: não careço de mais provas. Perdoas-me, meu querido, os injustos nomes, que pronunciou á raiva causada pela horrída supposição da tua falsidade, e traição? Ah! Restitue toda a tua ternura a este coração, que sempre te conservou o amor mais extremoso, ainda quando te julgava engolfado n'um mar de execrandos delictos. Querido esposo! Recebe Clara em teus braços... a tua amante... *Quer abraçallo.*

E R N E S T O.

Em teus braços ainda não... Tu não me crês mais culpado: eu quero, agora, justificar-me para comigo mesmo. Tenho sido até hoje um dos vis instrumentos, que tem servido ao desmarcado furor de um ambicioso: quero lavar-me dos crimes, que o tenha ajudado a perpetrar. *Ajoelha.* Prostrado, pois, a teus pés, minha Clara, eu abjuro a minha obediencia ao invasor do teu paiz; renuncio a todos os seus favores; abandono o seu estandarte; protesto não voltar mais á minha patria, onde elle impéra com feroz despotismo. Juro, cara parte da minha alma, nunca mais sahir d'este asylo da virtude, onde recebi, segunda vez a vida... juro viver, morrer a teu lado.

C L A R A.

Ergue-te, querido Ernesto! O'mem raro! Ah! Vem a meus braços.

ERNESTO.

Levantando-se, e abraçando Clara. Venhão, agora, esses tyranos, se se atrevem, arrancar-me do teu seio.

CLARA.

Vamos, meu querido! Corramos communicar a meu pai a nossa alegria; informallo da tua nobre resolução. *Vão-se.*

SCENA VIII.

Vista do interior da Choupana.

CUSTODIO, E BONNEVAL.

CUSTODIO.

Senhor Major, perdeis o tempo em defendêllo. Não penseis, que seja erroneo o juízo, que, há muito, faço do vosso amigo. Não poderia elle enganar-me sem recorrer á mais refinada hypocrisia!... Não me são desconhecidos os tramas, os embustes, com que os libertinos seduzem a innocencia: por experiencia, tenho sido testemunha da immoralidade das grandes cidades. Por me vêr entre estes rusticos Camponezes, não ide pensar que tenho sempre vivido entre elles. Passei a minha mocidade na Côrte; onde recebi uma decente educação. Successos posteriores me forçarão a retirar-me para esta Aldêa; onde passei os dias mais apraziveis da minha vida, até que

a veio envenenar o author dos meus desgostos. Fingio-se honrado , generoso... soube illudir-me !

B O N N E V A L .

Mas , Senhor ; elle póde tãoobem demonstrar a sua innocencia ! Não mereço o vosso conceito ? Não esperava que assim correspondesreis á minha sinceridade. Porém , nega-se acaso a defesa ao criminoso ? Deverá Ernesto ser condemnado , antes de ser ouvido ?

C U S T O D I O .

Tenho-vos fallado com bastante franqueza ; e ainda condescendo em dizer-vos , que estou que seja verdade quanto tendes avançado a favor de Ernesto. Mas , minha filha está muito exasperada contra elle : duvido que queira ouvir , e muito menos que aceite a sua justificação.

B O N N E V A L .

Amigo intimo de Ernesto , fui por elle instruido dos seus amores com a digna Clara. A pintura , que me fez da sua ternura , e extrema bondade , do terno amor , com que ella recompensava a sua paixão , nos afiança que não há de negar-se a prestar ouvidos á defesa do seu amante , e esposo.

C U S T O D I O .

Elle contar-vos-hia tudo quanto entre ambos se passou ? Assim se atrevêo a publicar a fraqueza de minha triste filha !... E quereis que o tenha por virtuoso ? ...

B O N N E V A L .

Nunca se podem criminar as confidencias de um

amigo. Ernesto não defamou vossa filha ; não publicou , como dizeis , a sua fraqueza : confiou-me o seu segredo a mim , ao seu melhor , e mais fiel amigo. Ah ! Se quizesseis fallar a Clara . . . se vos dignasseis interceder por elle . . . pedir-lhe que consentisse só em vê-lo . . .

C U S T O D I O .

Eu posso . . . com tudo . . . em fim . . .



S C E N A IX.

O S M E S M O S , H E N R I Q U E , F R A N C I S C O ,
E Q U A T R O C A M P O N Ê Z E S .



H E N R I Q U E .

Meu pai ! Andando , como ordenaste , lançando á sepultura os cadaveres de nossos inimigos , encontramos o de Guilherme , que não foi comnosco ao combate.

C U S T O D I O .

Guilherme morto ! . . .

B O N N E V A L .

Sim ; e ás minhas mãos. Bem podeis agradecer ao Ceo , que o fez cahir no meu caminho , para eu poder livrar-vos de semelhante monstro.

C U S T O D I O .

Como ! Explicai-vos !

H E N R I Q U E .

Guilherme ! . . . Certamente estaes enganado.

B O N N E V A L .

Esse malvado , impellido pelas repulsas de Clara , foi esconder-se entre nós , para , no horror da noite , assassinar-vos a todos. Nós o prendemos ; mas , pôde o traidor escapar durante a acção : e tendo de cumprir o seu destino , veio exhalar sua horrorosa vida na ponta da minha espada.

H E N R I Q U E .

Que iniquo projecto !! . . .

C U S T O D I O .

Que barbaro aquelle ! Com que crueldade tentava vingar-se !



S C E N A X .

Os MESMOS ; ERNESTO E CLARA , *ambos pela mão.*

Ernesto vem vestido á Compezza.



ERNESTO , E CLARA .

Meu pai !

CUSTODIO.

Ceos! Que vejo! Ernesto nos braços de Clara!!...

Todos.

Ernesto!!!

CLARA.

Sim, meu pai! E' o meu esposo, que eu vos apresento.

ERNESTO.

Bom Custodio! Recebe em teus braços o teu amigo, o esposo da tua Clara...

CUSTODIO.

Filha! E' verdade? Ernesto ainda é nosso amigo? Não nos enganou?

CLARA.

Nem deveis duvidallo mais. O meu esposo nunca nos foi traidor: illudirão-nos as apparencias.

CUSTODIO.

Basta Ernesto! Meu filho! Eis os meus braços! Lê no meu semblante o perdão das crueis angustias, que me causaste. *Abraça Ernesto.*

BONNEVAL.

Amigo! Que é isto? Acaso...

ERNESTO.

Bonneval! Sou ainda o teu fiel amigo; mas na-

da mais: deixei de ser teu commandante. Vae; dize ao despota, a quem ainda obedeces, que calquei aos pés as insignias do meu posto; que troquei as suas honras por este thesouro, que vês em meus braços. De Coronel que era, toquei a méta da minha ambição, fazendo-me simples Camponez, que de hoje em diante quero ser. Vae, amigo; vae reunir-te á tua Divisão: não lamentes a sorte de Ernesto, deves, antes invejalla.

Todos menos Bonneval!

Viva o nosso Ernesto!

B O N N E V A L.

Estou confuso!... Não sei o que resolva...

C L A R A.

Ouves, meu pai? Vês como todos applaudem o meu esposo!

C U S T O D I O.

Filhos! Vamos descançar das fadigas d'esta noite. A'manhã será para nós o dia mais venturoso: vê-vos-hei unidos por um nó indissolúvel.

C L A R A.

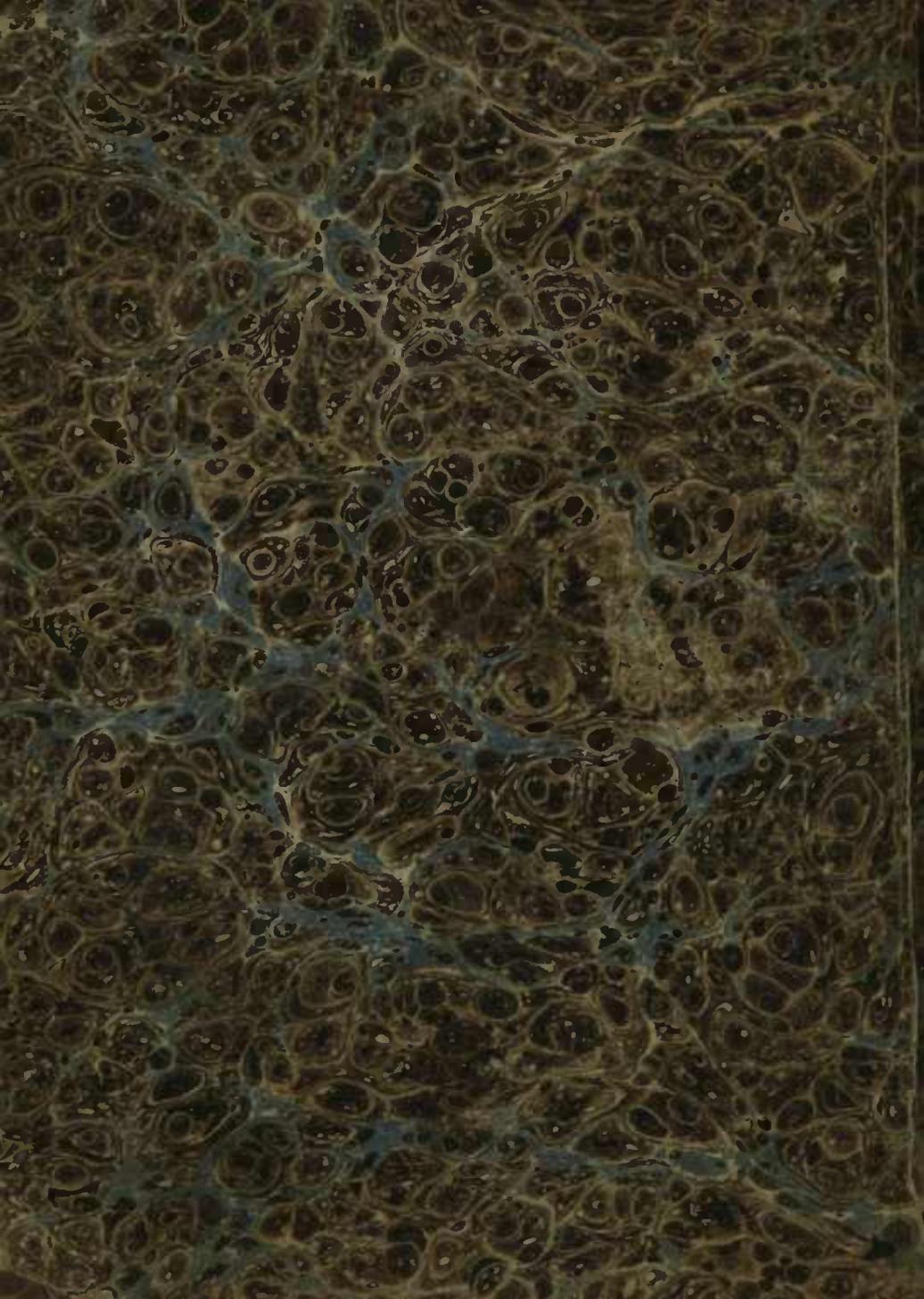
Meu Ernesto! Façamos o gosto a nosso pai. Em quanto vão todos entregar-se ao repouso, vamos nós fallar do tempo, que estivemos separados: renovar, repetir mil vezes os protestos de um eterno e constante amor.

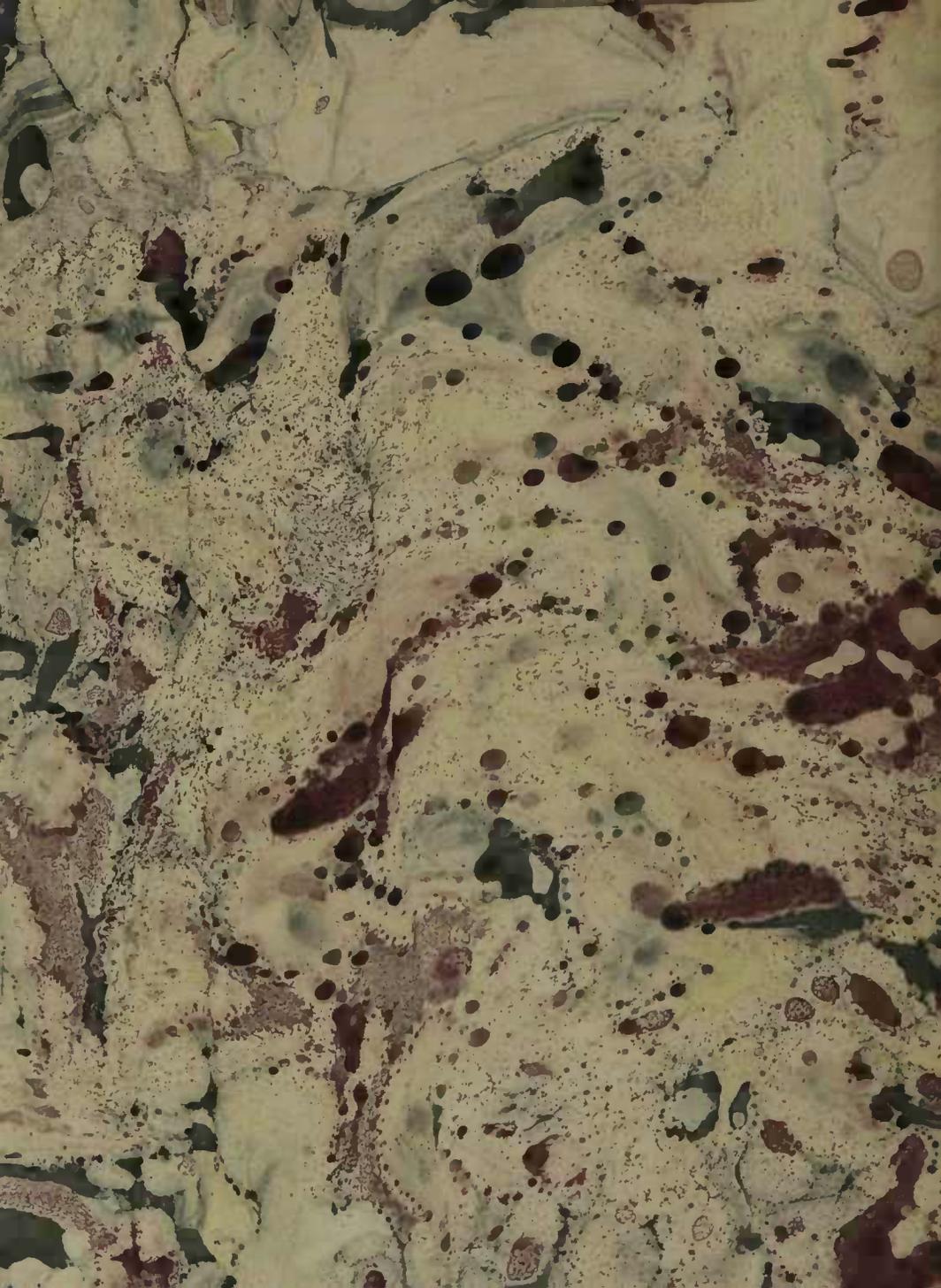
E R N E S T O.

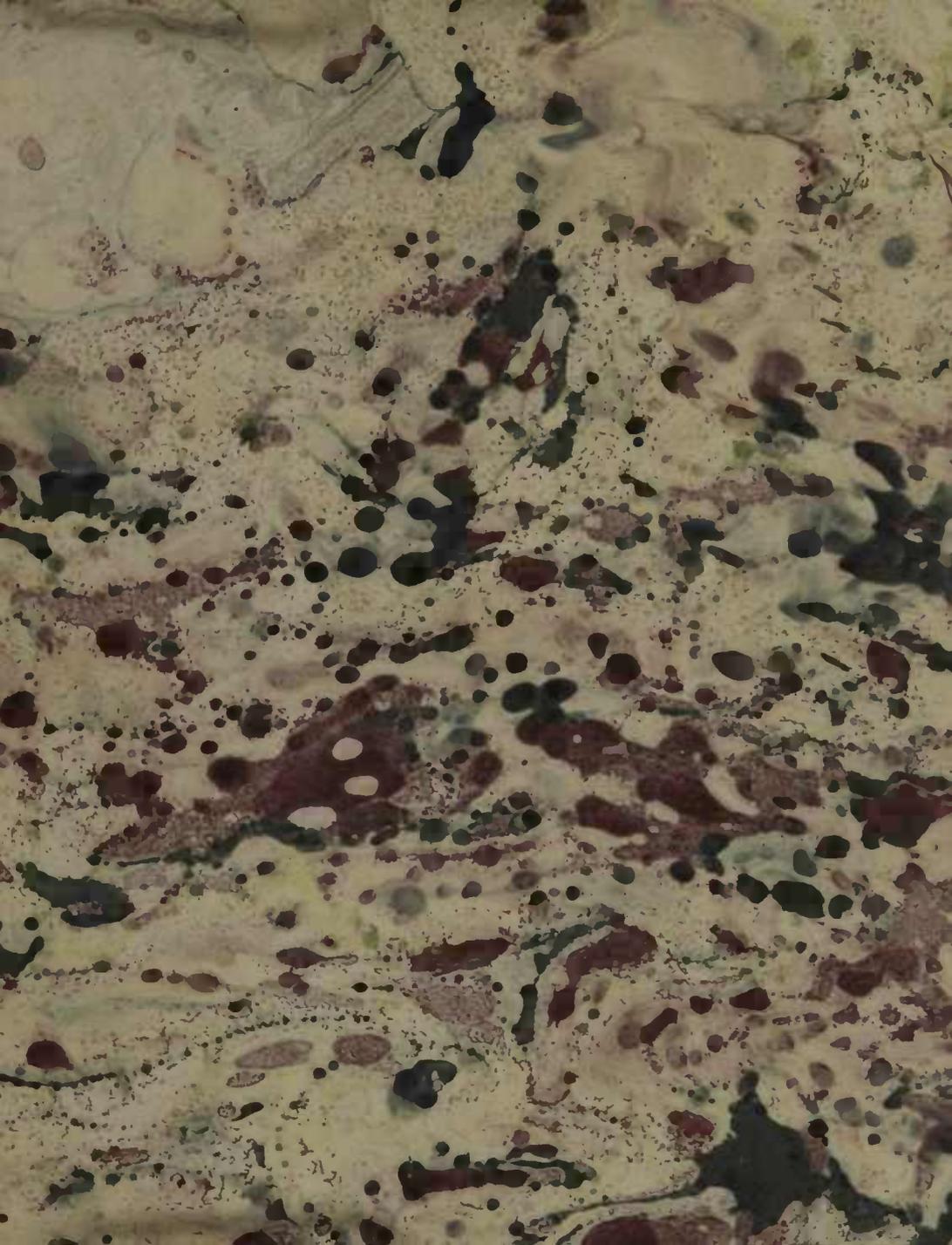
Sim, querida. Vamos vêr nascer a brilhante au-

rora do dia feliz , que vae premiar a nossa constancia. Que alegria não será a nossa , vendo todos participar da nossa ventura ! E terei forças para resistir á commoção , que em mim causa a repentina posse de tanta felicidade ? Ah ! Que doçura não sentimos , passando os dias nos lugares , onde primeiro amor dourou nossa existencia ! Quanto é doce , viver ao lado de uma esposa querida , e virtuosa !











BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).